Volume II

Quarta Parte – 11

A descoberta de que uma pessoa era outra pessoa que renasceu

Sentei-me sob um grande salgueiro-chorão perto do gramado; era como uma tenda, com cadeiras e mesas embaixo.

Em seguida Lady Cray foi para lá com a Duquesa de Torres. Eu queria voar, mas estava enraizado no lugar.

Lady Cray me apresentou, e quase nesse mesmo instante um servo veio com uma mensagem para ela e, então, fiquei com a Única Mulher no Mundo! Meu coração estava na boca, minha garganta estava seca, meu pulso estava batendo em minhas têmporas.

A Apresentação

Ela me perguntou, da maneira mais natural, se eu jogava “croquet”.

“Sim – não – pelo menos, às vezes – isto é, eu nunca – oh – esqueci!”. Eu gemi com a minha idiotice e escondi meu rosto com minhas mãos. Ela perguntou se eu ainda não estava bem e eu disse que não; e então ela começou a discorrer com muita facilidade sobre diversos assuntos, até que me senti mais à vontade.

A voz dela! Nunca tinha ouvido tão bem, senão em sonho, e era a mesma – uma voz muito rica e modulada, grave, contralto, com muitas inflexões variadas e deliciosas; e ela usou mais ação ao falar do que a generalidade das inglesas, assim me lembrando de Madame Seraskier. Notei que suas mãos eram longas e muito estreitas, assim como seus pés, e me lembrei que as de Mimsey eram assim – eram consideradas a única beleza da pobre Mimsey. Também notei uma cicatriz quase imperceptível em sua têmpora esquerda e me lembrei com emoção de que havia percebido isso em meu sonho, enquanto caminhávamos juntos pela avenida. Na minha vida em vigília, eu nunca tinha estado tão perto o suficiente para notar uma pequena cicatriz, e Mimsey não tinha nenhuma cicatriz desse tipo nos velhos tempos – disso eu tinha certeza, porque eu tinha visto muito de Mimsey ultimamente.

Depois de ter acostumado com a situação, ousei a dizer que a havia conhecido na casa de Lady Cray em Londres.

“Ah, sim; eu me lembro. Giulia Grisi cantou o ‘Willow Song’”. Então, franziu os olhos, riu, o rosto ficou robusto e continuou: “Eu percebi você parado em um canto, sob o famoso Gainsborough. Você me fez recordar de um querido garotinho francês que conheci e que era muito gentil comigo, quando ainda era uma garotinha na França, e de cujo pai você se parece. Mas descobri que você era o Sr. Ibbetson, um arquiteto inglês e, Lady Cray me disse, um arquiteto em ascensão”.

“Eu já *fui* um garotinho francês. Tive que mudar meu nome para agradar a um parente e me tornar um inglês – ou seja, sempre fui *realmente* inglês, entende!”.

“Meu Deus, que coisa extraordinária! Qual era o seu nome, então?”.

“Pasquier-Gogo Pasquier!”. Eu suspirei e as lágrimas vieram aos meus olhos, então, desviei o olhar. A duquesa não respondeu e, quando me virei e a olhei, percebi que

estava me olhando, muito pálida, os lábios muito brancos, as mãos firmemente entrelaçadas no colo e toda trêmula.

Eu disse, “Você costumava se passar pela pequena Mimsey Seraskier, e eu costumava carregá-la com sua mochila!”

“Oh, não! Oh, não!”, disse ela, e começou a chorar.

Levantei-me e caminhei sob o salgueiro até ela secar os olhos. Os jogadores de croquet estavam concentrados em seu jogo.

Eu, novamente, me sentei ao lado dela; já havia enxugado os olhos e, por fim, disse - “Que coisa horrível aconteceu com seus pais, e também com *minha* querida mãe! Você lembra dela? Ela morreu uma semana depois que você partiu. Eu fui para a Rússia com papai, Dr. Seraskier. Que terrível rompimento foi tudo isto!”

E, gradualmente, começamos a falar com naturalidade sobre os velhos tempos e os nossos queridos entes falecidos. Ela nunca desviava os olhos dos meus. Depois de um tempo eu disse:

- “Fui a Passy e encontrei tudo mudado e reconstruído. Quase enlouqueci quando vi. Fui a St. Cloud e vi você dirigindo com a Imperatriz dos Franceses. Naquela noite tive um sonho extraordinário! Que tinha acabado de chegar ao portão da avenida na Rue de la Pompe, e vi que você estava lá e aí comecei a me debater”.

“Deus do céu!”, ela sussurrou, e ficou branca novamente, e se tremeu toda, “o que você quer dizer?”

“Sim”, eu disse, “você veio em meu socorro. Fui perseguido por gnomos, que horror”.

Ela: “Meu Deus! Por - por dois pequenos carcereiros, um homem e sua esposa, que dançavam e estavam tentando prendê-lo?”

Agora era minha vez de me surpreender: “Céus!”. Nós dois trememos e trememos juntos.

Eu disse: “Você me deu sua mão e tudo veio às claras de uma vez. Minha antiga escola surgiu no lugar da prisão”.

Ela: “Com um ônibus amarelo? E os meninos indo para a primeira comunhão?”

Eu: “Sim; e havia uma multidão – o Pai e a Mãe Franceses, e Madame Liard, a esposa do dono da mercearia, e – e Mimsey Seraskier, com sua imagem da cabeça cortada. E um órgão tocava uma música que eu conhecia muito bem, mas agora não consigo me lembrar”.

Ela: “Não foi Mamãe, os barquinhos?’”

Eu: Oh, claro!

“‘Mamãe, os barquinhos que vão na água têm pernas?’”

Ela: “É isso aí!”

“‘Sim, bobinha! Se eles não tiverem, não funcionariam!’”

Ela afundou na cadeira, pálida e prostrada. Depois de um tempo:

Ela: “E aí eu te dei um bom conselho sobre como sonhar a verdade, e chegamos na minha antiga casa, e eu tentei te fazer ler as letras do pórtico, e você leu errado, e eu ri”.

Eu: “Sim; eu li ‘Tête Noire’. Não foi idiotice?”

Ela: “E então eu toquei em você novamente e você leu ‘Parvis Notre Dame’”.

Eu: “Sim! E você me tocou novamente, e eu li ‘Parva sed Apta’ – pequeno, mas adequado”.

Ela: E isso, o que significa? Ora, quando você era um menino, me disse que sed apta era uma palavra, e em latim significa ‘pavilhão’. Eu acreditei nisso desde então, e pensei que ‘Parva sed Apta’ significava pequeno pavilhão! “

Eu: “Eu envergonho pelo meu latim ruim! Depois disso, você me deu bons conselhos, novamente, para não tocar em nada ou colher flores. Eu nunca fiz. E, então, você foi

embora para o parque – a luz se apagou da minha vida, dormindo ou acordado. Desde então, nunca mais consegui sonhar com você. Acho que nunca mais irei encontrá-la depois de hoje! “

Depois disso, ficamos em silêncio por um longo tempo, embora eu cantarolasse e gritasse, de vez em quando, ao tentar falar. Eu estava doente com o conflito de meus sentimentos. Por fim, ela disse:

“Caro Sr. Ibbetson, tudo isso é tão extraordinário que devo ir embora e pensar em tudo.

Não posso dizer o que para mim foi encontrá-lo mais uma vez. E aquele sonho duplo, comum a nós dois! Oh, estou atordoada sem limites e sinto como se estivesse sonhando agora – exceto que tudo isso parece tão irreal e impossível – tão falso! Atualmente foi a melhor parte. Não sei se vou encontrar você de novo. Frequentemente, você estará em meus pensamentos, porém, nunca em meus sonhos novamente – que, pelo menos, eu posso comandar – nem eu nos seus; não deverá ser. Meu pobre pai me ensinou a sonhar antes de morrer para que, nos meus sonhos, eu pudesse encontrar consolo para meus problemas de vigília, que são muitos e enormes, como os dele. Caso eu perceba que isso pode resultar em algo de bom, vou escrever – bem, não – você não deve esperar uma carta. Agora vou dizer adeus e deixá-lo. Você vai hoje, não vai? Isso é melhor. Acho melhor que isto seja um adeus final. Não posso dizer o quanto você é interessante para mim e sempre foi. Achei que você tivesse morrido há muito tempo. Muitas vezes devemos pensar um no outro – isso é inevitável – mas nunca, nunca sonharemos. Isso não vai funcionar.”.

“Caro Sr. Ibbetson, desejo-lhe todo o bem que um ser humano pode desejar a outro. E agora, adeus, e que Deus no céu o abençoe!”.

Ela se levantou, trêmula e pálida, com os olhos úmidos de lágrimas, torceu minhas mãos e me deixou como havia acontecido no sonho.

A luz se apagou da minha vida e eu estava mais uma vez sozinho – mais miserável e miseravelmente sozinho como se nunca a tivesse conhecido.

A Despedida

Voltei para Pentonville e externamente retomei o fio da minha existência monótona e comi, bebi e trabalhei, e continuei como de costume, porém, como um sonho comum. Por enquanto, sonhos – sonhos verdadeiros – se tornaram a única realidade para mim.

Tão grande, tão inconcebível e incomparável que uma maravilha se operou em um sonho, onde todas as condições de vida foram alteradas e revertidas.

Eu e outro ser humano nos encontramos – e de fato aconteceu – em um sonho duplo, um sonho comum a nós dois, e nos demos as mãos! E os dois expressaram palavras que nenhum deles jamais esqueceria.

E esse ser humano e eu tínhamos ficado consagrados na memória um do outro por anos – desde a infância – e agora estávamos ligados por um laço tão maravilhoso, por uma experiência única, que nenhum deles poderia estar fora dos pensamentos um do outro, enquanto durar o tempo de vida, o sentido e a memória.

A própria personalidade dela, enquanto conversávamos sob a árvore freixo em Cray, estava menos vividamente presente para mim do que aquela outra, mais querida, com quem eu havia caminhado pela avenida naquela amena atmosfera de sonho, onde vivemos, nos movemos e ficamos juntos por alguns breves momentos, mas cada um acreditando que o outro naquele momento era uma mera invenção de sua própria (e dela) imaginação adormecida; coisas das quais os sonhos são feitos!

E sim! Tudo era verdade – tão verdadeiro quanto a experiência comum da vida cotidiana – mais (dez vezes mais), porque através de nossas percepções sensoriais mais aguçadas e exaltadas e menos atenção dividida estávamos mais conscientes do verdadeiro ser interior um do outro – ligados por um espaço muito próximo – do que dois mortais, provavelmente, já estiveram desde o início do mundo.

Aquele aperto de mãos no sonho foi infinitamente mais sentido entre ambos do que aquele aperto triste de despedida em Cray!

Em minha pobre vida de vigília, esperei em vão por uma carta; em vão assombrei os parques e as ruas – a rua onde ela morava – na esperança de vê-la mais uma vez. A casa estava fechada; pois estava fora – na América, como soube depois – com o marido e o filho.

À noite, nas cenas familiares que aprendera tão bem a aparecer, explorava cada canto e recanto com o mesmo desejo ardente de encontrar um rastro dela. Quase nunca ficava longe de “Parva sed Apta”. Havia Madame Seraskier, Mimsey, o Major, minha mãe e Gogo, o tempo todo, entrando e saindo e, claro, tão inconscientes de minha presença sólida como se eu nunca tivesse existido. E enquanto olhava para Mimsey e sua mãe, me perguntava sobre minha estupidez por não reconhecer, à primeira vista, quem tinha sido a Duquesa de Torres e de quem era filha. A altura, a voz, os olhos, certos truques de andar e gestos – como pude deixar de conhecê-la novamente depois de oportunidades de sonho tão recentes?

E Seraskier, elevando-se entre todos eles, como sua filha, agora se elevava entre as mulheres. Eu vi que ele renasceu novamente em sua filha; o dele era o sorriso que fechava os olhos, assim como os dela; se Mimsey tivesse sorrido naquela época, eu novamente deveria tê-la reconhecido por esse traço muito característico.

Dessa filha dele (a Mimsey dos últimos anos, não a duquesa de hoje) eu jamais teria o suficiente, e a fiz passar várias vezes por todas as cenas com Gogo, tão caro à minha lembrança e à dela. Na verdade, eu era o Príncipe Charmant, cuja presença invisível, ela estivera consciente de uma maneira inconcebível. Que previsão estranha! Mas onde estava a fada Tarapatapoum? Sempre ausente durante esse ano de saudade inexprimível; e ela disse isso; nunca, nunca mais eu deveria estar no sonho dela, ou ela no meu, por mais que possamos habitar os pensamentos um do outro constantemente.

Então acelerou um ano depois daquele último encontro em carne e osso em Gray.

* * * * *